

CABEÇO DO OUTEIRO (LOUSADA, PORTUGAL)

UM NÚCLEO RURAL DA IDADE MODERNA

MANUEL NUNES Arqueólogo. to.nunes@sapo.pt
JOANA LEITE Arqueóloga. joana_leite@netcabo.pt
PAULO LEMOS Arqueólogo. paplemos@gmail.com

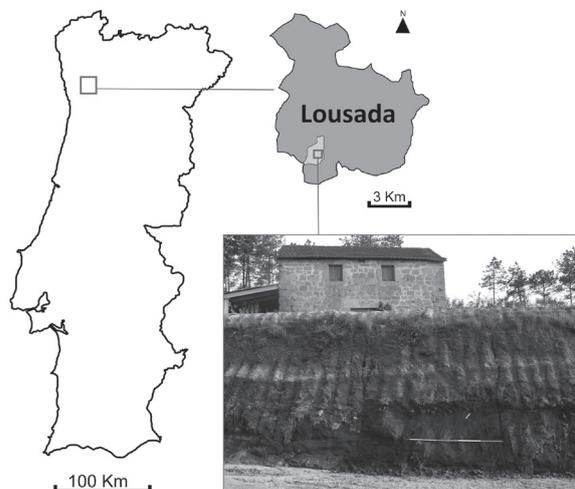
RESUMO Em 2005, na sequência da realização de uma sondagem arqueológica no Cabeço do Outeiro, freguesia de Nespereira (concelho de Lousada – Portugal) foi possível determinar um nível de ocupação que expôs um habitat rural dos séculos XVII e XVIII. O espólio exumado permitiu determinar com mais exatidão o contexto cronológico, revelando o poder económico associado a essa ocupação. Apesar da reduzida expressão das estruturas detetadas, a escavação mostrou tratar-se de um espaço repartido entre três áreas: alimentar, de circulação e uma área exterior onde assentaria um provável alpendre. O cruzamento das fontes históricas do arquivo particular da Casa do Cáscere, onde está incluída a propriedade em questão veio, precisamente, corroborar a percepção arqueológica para o local.

PALAVRAS-CHAVE Lousada, Idade Moderna, séculos XVII e XVIII, habitat rural

1. INTRODUÇÃO

A descoberta fortuita, em 2005, do Sítio Arqueológico referenciado como *Cabeço do Outeiro* (UTM 559032,4 29T 4567307,56) ficou a dever-se à abertura de um caminho rural na freguesia de Nespereira, concelho de Lousada, distrito do Porto, (I.G.E. 1:25.000, folha n.º 112).

Os vestígios ocupacionais revelaram-se nos cortes artificiais escavados pelas máquinas, especialmente no corte exposto a Sul onde se tornou evidente um piso de tijolos a uma profundidade de 2,55 m, relativamente ao nível original do terreno, e através de achados dispersos de fragmentos cerâmicos nas imediações.



1. Localização administrativa com pormenor do sítio no início dos trabalhos arqueológicos.

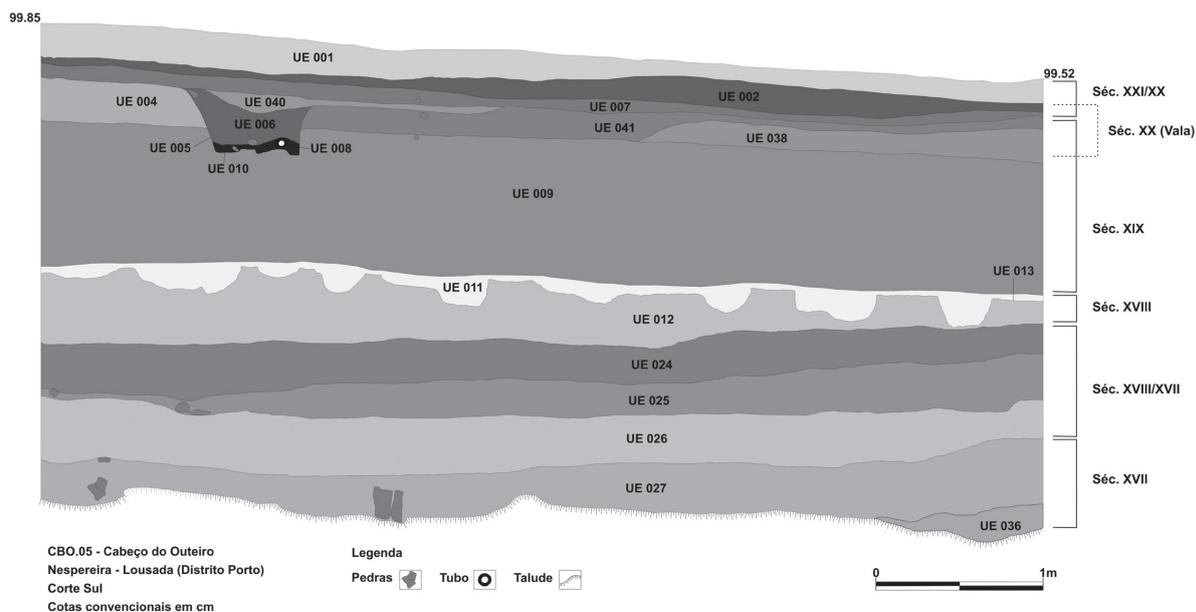
A sondagem arqueológica realizou-se no alinhamento do piso detetado no corte, tendo sido delimitada uma área de 12 m².

Os resultados da análise da sequência das unidades estratigráficas permitiram esclarecer, por um lado, que as unidades relativas à época Contemporânea sugerem níveis sucessivos de aterro, praticamente estéreis em termos de espólio e, por outro, que a ocupação mais antiga (séculos XVII e XVIII), se revela mais expressiva nos seus níveis mais profundos, a partir da UE 26.

Relativamente à unidade estratigráfica, que pela análise do espólio, marca a transição da Época Contemporânea para a Época Moderna, refira-se a curiosa disposição que a unidade 012 assume, caracterizando-se por terras saibrosas, estéreis, depositadas propositadamente sob a forma de 11 valas sucessivas, orientadas no sentido Noroeste/Sudeste. À falta de realidades análogas já publicadas, aventou-se a possibilidade destas valas, paralelas entre si e plenas em raízes, refletirem um nível de exploração agrícola¹, conjetura reforçada pelas características do espólio encontrado na unidade estratigráfica 011 composto por escassa cerâmica de uso doméstico e pela lâmina de uma navalha, possivelmente enquadrável na lida agrícola.

Durante a fase plena de ocupação do sítio, correspondente à 2.ª metade do século XVII, podem distinguir-se, genericamente, três áreas funcionais.

1. Lembre-se, a este propósito, que o cultivo do cebolo exige, em determinadas localidades, a disposição de terras arenosas de preparação para o plantio.

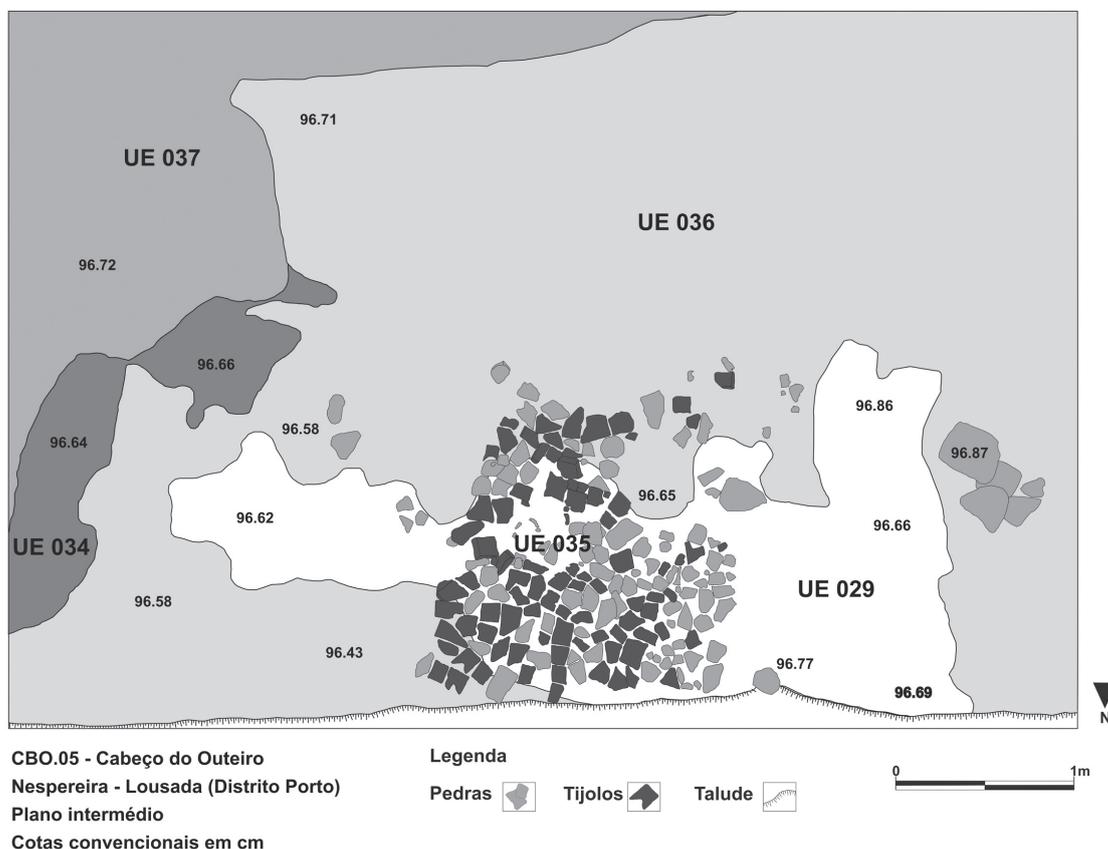


2. Diacronia ocupacional do Cabeço Outeiro (CBO).

A área 1, determinada por uma espessa unidade (029) de carvões, cinzas e abundante espólio (o mais diverso e numeroso de toda a sondagem²), bem delimitada no

2. Composto por 244 fragmentos cerâmicos, entre os quais 16 fragmentos de faiança com motivos de tradicional associação cronológica à segunda metade do século XVII, frequente espólio metálico, de que se destaca meia ferradura, dois fragmentos de vidro e lítico (um movente de moinho manual).

conjunto da área intervencionada sugere tratar-se de uma área específica reservada à combustão doméstica (lareira, área de preparação de alimentos, depósito de cinzas, etc.), uma vez que de entre os fragmentos de cerâmica aí encontrados predominam umas painelhas de louça preta, destinadas ao lume direto com fuligem em ambas as faces.



3. Plano com representação de um piso em tijolo e pedras (século XVII).

A área 2 revela a única estrutura arqueológica de toda a sondagem. Trata-se da unidade 035 composta por um piso de oito dezenas de tijolos e algumas pedras, cujo sentido organizativo se perdeu com a abertura da via que o interrompe.

A área 3 coincide com um espaço marcado por uma significativa profusão de cravos pregos e alguns buracos de poste, paralelamente a uns entalhes sub-circulares que se compreendem como base de assentamento de uma estrutura perecível (hipoteticamente de madeira). Esta hipótese ajuda em parte a compreender o silêncio material ao nível das estruturas para o sítio.

2. ESPÓLIO EXUMADO

2.1 Cerâmica

2.1.1 Cerâmica preta

Na sondagem em estudo apurou-se a totalidade de 57 fragmentos de louça preta, conquanto variáveis na tonalidade apresentada (do preto ao cinza claro), com especial incidência nas unidades estratigráficas 029, 030 e 032 onde se recolheram 80% dos fragmentos.

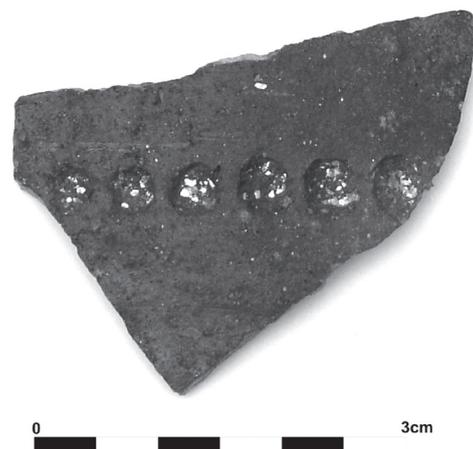
Genericamente, estas produções caracterizam-se por serem muito porosas, friáveis e enegrecidas pelo fumo (Real *et al.*, 1995, p. 181). Facilmente identificáveis pelos abundantes restos de cinzas e marcas de fogo nas paredes exteriores, em resultado de uma prolongada utilização na preparação dos alimentos ao lume, reconhecemos vários fragmentos de panelas na sondagem, sobretudo ao nível da unidade estratigráfica 029, pelas formas fechadas, paredes que se adivinham altas e de perfil convexo estreitando para o fundo e para a boca, facilitando a cobertura com um testo. É uma forma adaptada às cozeduras demoradas que não necessitam de uma visualização permanente do andamento de cocção dos alimentos em grande quantidade de meio líquido, como os caldos. O aparecimento desta tipologia cerâmica está, desta forma, associado à área 1. Como centro produtor desta cerâmica, aventa-se a hipótese do pólo disseminado pelo vale do Douro, que ganha importância a partir do século XVII. Em particular a produção de Gondar³ (Amarante), por ser a mais próxima de Nespereira/Lousada (c. 30 km) e por já estarem confirmados dois dos seus concelhos de comercialização – Penafiel e Felgueiras – ambos fronteiros a Lousada (Fernandes, 1997b, p. 30).

A principal característica da olaria de Gondar é a sua superior resistência ao calor propiciando às peças a capacidade de uma exposição direta ao fogo, o que

direcionou as suas formas para utensílios culinários com especial destaque para a panela.

Não se pode, no entanto, negligenciar o centro produtor do Prado⁴ como hipotético local de proveniência destes fragmentos, uma vez que a sua presença se evidencia em outros elementos cerâmicos encontrados nesta sondagem, sobretudo na cerâmica vermelha. De facto, a superior qualidade de fabrico, quer na pasta, quer na decoração, que a louça preta do Prado revelava nos séculos XVI e XVII impulsionou este centro numa rede de abastecimentos a longas distâncias que deixou marcas um pouco por todo o Entre-Douro-e-Minho (Fernandes, 1997b, p. 43).

Diretamente relacionável com o centro de produção do Prado, foram identificados dois fragmentos cerâmicos, um dos quais materializado num pequeno fragmento de pasta dura e depurada, de fina espessura, com toque metálico, de cor cinzenta escura (em ambas as faces), com um cerne de tonalidade mais clara e de decoração impressa em pequenos círculos preenchidos a moscovite (mica branca).



4. Fragmento cerâmico com aplicações de moscovite (século XVII).

Trata-se de uma peça singular, recolhida na unidade estratigráfica 027, que raramente se vê representada em contextos arqueológicos e só se manifesta em casos excepcionais que exijam mesmo algum requinte no seu manuseamento

As pastas mais duras e depuradas do centro do Prado, com cerne cinzento ou castanho, conhecem, em casos raros, a par dos acabamentos alisados, a referida decoração com aplicação de palhetas de moscovite. Trata-se de louça preta mais fina, vocacionada para se destacar num serviço de mesa mais requintado, ou simplesmente como elemento isolado de natureza

3. Este núcleo de produção ainda se mantém ativo no fabrico de louça negra.

4. O centro produtor do Prado afigura-se como um importante centro produtor de louça (preta, vermelha e vidrada) e telha desde o século XIII.

decorativa. As formas mais representadas para estes casos são a bilha e a caçoila e geralmente são reconhecidas como pertencentes ao 3º quartel do século XVII (Real *et al.*, 1995, p. 89).

2.1.2 Cerâmica vermelha

Entre a cerâmica vermelha, que se assume largamente preponderante no conjunto do espólio cerâmico da intervenção, podemos encontrar tigelas de cor viva e muito resistentes, de tipologia e características análogas às do centro de produção Aveiro-Ovar, que na passagem do século XVI para o XVII assume a liderança de produção de louça vermelha relativamente ao centro do Prado.

Não é estranho considerarmos este centro como fonte de proveniência de alguma da cerâmica encontrada nesta escavação uma vez que o Porto, um dos destinos mais conhecidos desta produção, absorvia cerca de um terço das peças e reenviava os excedentes para outras regiões nortenhas. Estas transações, arqueologicamente confirmadas para o século XVII com as escavações na Casa do Infante (Porto), faziam circular tigelas calculadas em milheiros⁵. Apesar de se apontar um decréscimo na produção deste centro a partir da década de 70 do século XVIII (Amorim, 1998, p. 78), foi sempre verificada uma constância na presença desta cerâmica na sondagem em análise, até à segunda metade do século XIX.

Trata-se de peças *"de barro formado em louça encarnada, tão dura quase tão durável como pedra"*, como nos descreve o P.^o António Carvalho da Costa (cit. por Amorim, 1998, p. 73) em que a tigela se assume como a principal forma deste conjunto artefactual. De facto, a morfologia dominante, sem grandes oscilações de tamanho, é a tigela, que apresenta sempre paredes espessas e de tendência carenada.

Quanto ao centro do Prado encontra-se novamente representado, por inúmeros fragmentos que apresentam um tratamento cuidado da sua superfície (brunida ou polida) e por algumas asas de cântaro com uma gramática decorativa rica pela perfuração intensa de toda a sua superfície. Estas asas, de cerne cinzento e tão características deste centro, pertenceriam certamente a um cântaro de dupla asa em que a segunda (mais pequena) teria apenas uma função de apoio na orientação dos líquidos. Crê-se que o fabrico destas peças se reporte a meados do século XVII. Curioso é notar que o fabrico destas asas em particular não dotaria a peça de grande resistência, uma vez que a sua aplicação, posterior à moldagem do cântaro, como se verifica pela análise do encaixe da asa, revestiria a peça de alguma fragilidade.



5. Bordo/asa perfurado do centro de produção do Prado.

2.1.3 Faiança

Paralelamente à presença maioritária da cerâmica vermelha e preta, verifica-se a presença de outro grupo cerâmico no conjunto considerado, designadamente as faianças, cujo aparecimento no registo arqueológico da sondagem coincide com o período áureo da difusão da faiança portuguesa (séculos XVII e XVIII).

A faiança, que começa progressivamente a substituir a louça comum pelas características intrínsecas relacionadas com a sua impermeabilidade e limpeza, sobretudo ao longo do século XVIII, em contextos domésticos que assumam alguma preponderância social, revela, na sondagem, alguma expressividade de representação.

Sendo a cerâmica um dos indicadores preciosos do nível de evolução tecnológica de uma sociedade, do seu grau de riqueza e do gosto que a caracteriza, a presença significativa de faiança na sondagem interencionada (cerca de 9%) suscita alguma reflexão relativamente a aspetos sócio-económicos inerentes ao habitat rural que procuramos compreender.

Como salienta Isabel Maria Fernandes (1999, p. 12), para este período histórico, a utensilagem cerâmica das classes menos favorecidas era bem diferente da utilizada pelas classes detentoras de riqueza, quer em qualidade, quer em quantidade das peças. As classes rurais e citadinas, de poucos recursos económicos recorriam às singelas peças de louça preta ou vermelha fosca e vidrada para suprirem as necessidades elementares, enquanto que a nobreza ou a burguesia utilizavam para satisfação das necessidades uma panóplia mais dilatada de utensílios. A faiança, sobretudo a partir do século XVIII, caracterizada pelo seu vidrado estanífero (com ou sem pinturas) e pastas claras, era a imagem de marca dos seus detentores. Fosse de produção mais grosseira ou mais fina, o que é certo é que o seu fabrico exigia uma técnica apurada e matérias-primas mais caras do que as da louça vermelha e preta – era uma produção para

5. Unidade de medida referente a mil peças.

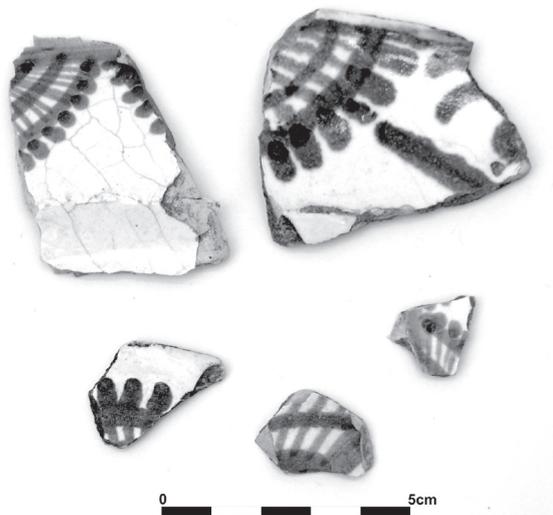
as elites endinheiradas (Fernandes, 2001, p. 30). A tendência a que se assiste ao longo do século XVII e especialmente com o advento do século XVIII é à progressiva diminuição da louça comum (preta ou vermelha) em detrimento da louça de faiança (Dordio, 1999, p. 47), sobretudo para contextos domésticos que revelam alguma preponderância social.

Relativamente ao espólio proveniente desta intervenção, optou-se pela sua divisão em grupos de estudo, atendendo, nomeadamente, a aspetos de índole decorativo.

Assim, considerou-se um primeiro grupo constituído por louça grosseira, de esmalte bege/amarelado, muito fino, decorado de forma simples com filetes azuis no fundo ou junto dos bordos, reportando-se sobretudo a duas formas tipológicas: tigelas e pratos. Este grupo, de inspiração reconhecidamente europeia (sobretudo italiana e espanhola), começa a aparecer no registo arqueológico a partir do primeiro quartel do século XVII (Dordio *et al*, 2001, p. 140), e prolonga-se no tempo, sendo que, no conjunto estilístico em estudo, se considera adequado enquadrá-lo em meados de Seiscentos.

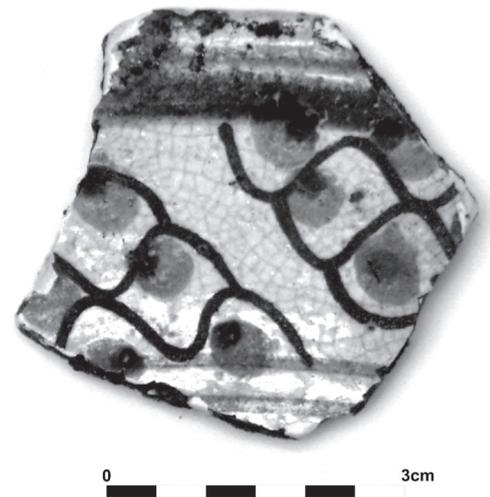
O segundo grupo, mais representativo, alude a uma louça igualmente de tradição europeia, mas mais fina, com motivos e figurações pintados em azul que mostra preferência por representações geométricas ou figurativos vegetalistas. Uma forma de organização decorativa muito frequente para este género de representações são as conhecidas *rendas* e *contas* que preenchem com bandas duplas ou simples as abas dos pratos, remetendo, com alguma segurança, para datas posteriores ao segundo quartel do século XVII (Dordio *et al*, 2001, p. 142) doze dos fragmentos cerâmicos encontrados na sondagem.

Correspondendo ao último grupo de faianças, para o qual se registaram apenas dois fragmentos, destacamos um tipo de louça fina, igualmente com figurações, porém pintada a azul e vinoso, alternando as duas cores.



6. Fragmentos de faiança ("rendas").

Numa das peças constatou-se um motivo já conhecido – *contas* – que se salienta dos demais fragmentos pela superior qualidade, visível quer pela consistente espessura e regularização do esmalte quer pelo cuidado aprimoramento da gramática decorativa pintada na sua face interna, marcada pela presença de três fiadas de contas azuis, descentradas entre si e separadas por finas bandas em tom vinoso que serpenteiam entre as contas.



7. Fragmento de faiança ("contas" a policromado).

Para o outro fragmento, de cronologia mais tardia, encontramos um tipo de representação muito padronizada que evidencia duas linhas concêntricas em azul com um ou dois espaços e, entre elas, um preenchimento com rabiscos alongados em vinoso.

Esta louça, em contraste com tendências decorativas do mesmo período, que denotam acentuada sobriedade, procura uma espécie de caricatura da tradição decorativa barroca anterior (Barreira *et al*, 1998, p. 158).

Nas escavações realizadas na Casa do Infante este terceiro grupo surge apenas num depósito do 3º quartel do século XVII, marcando para essa altura o início da sua utilização nesse local (Barreira *et al*, 1998, p. 154), o que se adequa plenamente ao horizonte temporal da unidade 026 (finais do século XVII, inícios do XVIII), onde apareceu o fragmento do tipo *Brioso*⁶ (Barreira *et al*, 1998, p. 155).

A faiança encontrada na sondagem do Cabeço do Outeiro ao distribuir-se sobretudo pelas unidades 029, 030 e 033 mostra-se contemporânea ao período áureo da difusão da faiança portuguesa – séculos XVII e XVIII. Correspondendo, sobretudo, a duas formas abertas

6. Estilo de louça muito característico de Coimbra com forte personalidade decorativa nas pinturas a azul e vinoso.

7. Foi o início de uma "moda" propagada por todas as nações europeias que em experiências e tentativas durou, sem interrupção até ao princípio do século XIX (cit. por Calado, 2001, p. 17).

principais – tigelas e pratos – as peças recolhidas no decorrer da escavação destinar-se-iam, certamente, ao serviço de mesa.

2.2 Metais

Apesar da reduzida expressão de outros materiais no contexto do espólio exumado, merecem destaque algumas peças metálicas, em particular, pela sua singularidade, uma medalha em cobre, provavelmente parte constituinte de um terço, hipótese consubstanciada pelo aparecimento, nas imediações, de uma conta em azeviche.

Apesar da corrosão do cobre impedir uma perceção clara da iconografia impressa nas faces ovais da medalha, afiguram-se algumas leituras. Na face principal da medalha encontra-se uma representação de Nossa Senhora coberta por uma longa veste repleta de pregas, com o menino Jesus ao colo, do seu lado esquerdo. Aos pés de Nossa Senhora pode observar-se a cabeça de um querubim enquanto no topo da medalha, suspensas no ar, se observam duas pombas viradas uma para a outra. A componente particular desta representação prende-se com a alusão material a um edifício religioso confirmado pelas cruzes suspensas em cada um dos pináculos nas extremidades do telhado desse mesmo edifício que na sua parede visível se retalha em subdivisões quadrangulares e retangulares, sugerindo janelas de um mosteiro, dispondo-se como imagem de fundo por trás de Nossa Senhora. Esta combinação da vertente terrena com a espiritual não é muito habitual neste tipo de figurações e permite equacionar a hipótese de se tratar de uma representação de Nossa Senhora de alguma forma relacionada a uma entidade monástica.

No verso, encontramos a habitual representação de Cristo crucificado e ainda a inclusão de dois anjos virados para Si na parte inferior da medalha, sugerindo uma postura de genuflexão.

A grande dúvida que subsiste prende-se com a tentativa de identificação da representação da Nossa Senhora. Como explica Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1979, p. 10-13), o aumento da devoção à Virgem através da multiplicação das capelas e da estimulação do imaginário com a arte gótica, a partir de finais da Idade Média, motivou a multiplicação dos seus nomes. Uma das consequências é a mudança do nome de *Santa Maria*, com que ainda se designava habitualmente a Virgem no século XVI, para o de *Nossa Senhora*. Afirmam-se, por isso, em época Moderna, as devoções à Virgem do Rosário, do Carmo e da Boa-Morte, contribuindo para este fervor o intensificar do culto às almas do Purgatório que se impõe como uma das mais fortes práticas religiosas deste período no Norte de Portugal.

A medalha em questão perpassa este horizonte religioso, por se enquadrar temporalmente na segunda metade do século XVII, e encarnaria, possivelmente, muitos dos anseios e preocupações desta época.

Ainda no que respeita aos metais, salienta-se uma lâmina de navalha em ferro, de finais do século XVIII, que apareceu juntamente com um colchete e um compasso de pedreiro/marceneiro e ainda parte de uma ferradura, datada da segunda metade do século XVII.

3. CONTRIBUTO DAS FONTES HISTÓRICAS

No caso da intervenção arqueológica em evidência há ainda que considerar o apoio das fontes históricas disponíveis que, de certa forma, corroboram a versão arqueológica da dinâmica ocupacional do sítio.

Assim, o arquivo particular da Casa do Cáscere⁸ reforça a importância do espaço geográfico considerado, ao indicar que a linhagem da casa para o século XVII e XVIII aparece engrandecida por quatro personalidades ligadas a cargos superiores do exército (entre eles o capitão e o sargento mor de Lousada). Isto, porque apesar de toda a propriedade rústica ou urbana de Lousada se encontrar nas mãos de igrejas, mosteiros e ordens militares (neste caso concreto do Mosteiro de Vilela do Concelho de Paredes) a partir do século XIV era a administração indireta que supria as dificuldades dessa gestão central e eram esses lavradores a quem Eugeneo Freitas (cit. por Magalhães 2006, p. 90) se refere não só como homens plebeus mas sobretudo como famílias nobres de onde se afirmava a nobreza de Lousada.

O poder local agitava-se, portanto, ao sabor da vida económica das comunidades rurais que por sua vez dependiam da agricultura, o que fazia com que a posse de terra fosse a condição por excelência para o reconhecimento do prestígio social.

É sobre este pano de fundo de relações de dominação/preponderância sócio económica da Casa do Cáscere que se deve ponderar a vivência concreta do Cabeço do Outeiro para os séculos XVII e XVIII e enriquecer as reflexões arqueológicas já tecidas sobre o sítio, tanto mais que reforçando as evidências materiais referentes à sondagem, há que considerar a *apegação para o prazo de 1706* (Magalhães, 2007, p. 152-153) que nos fornece pistas relativas à organização do espaço deste casal para a época que a escavação identifica.

Assim, as fontes descrevem a existência, neste local, de um núcleo familiar (praticamente imutável de 1555 a 1706) onde se destacam diversos espaços: uma casa

8. A Casa do Cáscere controlou, desde a Idade Média, uma extensa parte do território da freguesia de Nespereira, nomeadamente o espaço intervencionado.



8. Medalha em cobre (século XVII).

sobradada telhada que depois passa a ser colmada e a ostentar um pátio de pedra/tijolo à sua entrada; uma cozinha anexa; uma adega com alpendre e lagar que depois se transforma numa cozinha colmada; cortes de gado com um alpendre para a eira; um palheiro; uma eira e mais duas casas colmadas.

Considerando que a área escavada foi manifestamente restrita para a compreensão de toda esta dinâmica exposta pela apegção pode, no entanto, confirmar-se para o casal do outeiro a existência de um espaço cujas características se demonstram similares às postas em evidência pela escavação: sobretudo a da área reservada à cozinha.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, C. A. de (1979) – *O Culto a Nossa Senhora, no Porto, na época Moderna*. Porto: Centro de História U. Porto.

AMORIM, I. (1998) – A olaria de Aveiro, no século XVIII: continuidade e desenvolvimento. In *Olaria: Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos*, N.º 2. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos, p. 70-80.

BARREIRA, P.; DORDIO, P. e TEIXEIRA, R. (1998) – 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do século XVI a meados do século XVIII. In *2.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 145-184.

CALADO, R. (2001) – Breve Historial da Faiança em Portugal. In *Itinerário da Faiança do Porto e Gaia*. Lisboa: Museu Nacional Soares dos Reis, p. 15-25.

DORDIO, P. (1999) – Louça de cozinha da época moderna descoberta em escavações arqueológicas no Porto. In *Atas do IV Encontro de Olaria Tradicional de Matosinhos*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, p. 46-51.

DORDIO, P.; TEIXEIRA, R. e SÁ, A. (2001) – Faianças do Porto e Gaia: O recente contributo da arqueologia. In *Itinerário da Faiança do Porto e Gaia*. Lisboa: Museu Nacional Soares dos Reis, p. 119-164.

FERNANDES, I. M. (1997b) – Os centros produtores. Sua geografia - Locais de produção. In *A louça preta em Portugal: olhares cruzados*. Porto: CRÁT, p. 28-33.

FERNANDES, I. M. (1999) – Do uso das peças: diversa utilização da louça de barro. In *Atas do IV Encontro de Olaria Tradicional de Matosinhos*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, p. 12-39.

FERNANDES, I. M. (2001) – Formas e funções da Faiança Portuguesa Oitocentista. In *Itinerário da Faiança do Porto e Gaia*. Lisboa: Museu Nacional Soares dos Reis, p. 29-51.

MAGALHÃES, P. J. (2006) – A Casa do Cáscere. In *OPPIDUM* (1). Lousada: Câmara Municipal de Lousada, p. 149-161.

MAGALHÃES, P. J. (2007) – O Casal do Outeiro - Nespereira. In *OPPIDUM* (2). Lousada: Câmara Municipal de Lousada, p. 89-104.